

16 dias de ativismo | Mulheres em uma cidade sustentável - São Paulo/SP, 02/12/2019

Os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres é uma campanha anual e internacional que começa no dia 25 de novembro, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, e vai até 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos. Em decorrência da campanha, a COMESP e a OAB/SP promovem o evento “Mulheres em uma Cidade Sustentável”, que ocorrerá em 2 de dezembro, das 8:30 da manhã às 19 horas.

Local: Auditório da OAB, Rua Maria Paula, número 35, Centro, São Paulo.

Os temas abordados serão: habitação, saúde, segurança pública, educação e cultura e arquitetura e urbanismo.

Confira a programação e participe: <https://api.tjsp.jus.br/Handlers/Handler/-FileFetchBanner.ashx?codigo=2959>



Apóio
INSTITUTO
PATRÍCIA GALVÃO



ONU Mulheres e Federação Nacional dos

Jornalistas fazem sensibilização de profissionais durante os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres

Ação é desenvolvida como desdobramento do Curso de Comunicação, Saúde e Direitos das Mulheres e conta com o apoio da diretoria da FENAJ e Comissões Nacionais de Mulheres Jornalistas e de Jornalistas pela Igualdade Etnicorracial (Conajira)

Confira: Mídia e Conteúdos Colaborativos para um Planeta 50-50 em 2030: um guia sobre saúde e direitos das mulheres | [Pacto Global de Mídia “Dê um passo pela igualdade de gênero”](#)

[\(ONU Mulheres, 25/11/2017 - acesse no site de origem\)](#)

COLABORE COM A CIRCULAÇÃO DE HISTÓRIAS DE MULHERES NOS #16DIAS



Durante os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres, que no Brasil acontecem de 20 de novembro a 10 de dezembro, organize um especial e produza conteúdos de fôlego sobre a violência contra as mulheres. Identifique colegas de trabalho que tenham interesse pelo tema e aumente a sua rede de produção colaborativa.



Jornalistas de todo o Brasil são convidadas e convidados a participar das ações dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres, que se iniciaram em 20 de novembro e continuarão até 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos. Em artigo publicado

no site da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) por ocasião do Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, a presidenta Maria José Braga, destaca a importância dessa mobilização, o papel da imprensa e a violência contra as jornalistas no exercício das atividades profissionais.

“Se não bastasse essa invisibilidade e negativa de acesso aos espaços de comando e tomada de decisões, as mulheres passam por situações como conviver com linguagem sexista em suas rotinas de trabalho. São piadas de cunho vexatórios, misóginos, racistas e muitas vezes a coação e as pressões geram instabilidade e problemas de saúde que não são relatados por vergonha ou medo de perder o trabalho, mesmo em ambiente precarizado”, afirma Maria José. Ela considera, ainda, que “a mídia tem papel fundamental nesta luta”.

No artigo, ela faz um chamado às jornalistas devido à recente constituição da Comissão Nacional de Mulheres Jornalistas, no último 8 de março: “como mulheres, e profissionais de comunicação, devemos refletir sobre a necessidade de estratégias para superarmos todas as formas de agressão, exclusão e nos solidarizar para o enfrentamento à violência, a partir da nossa produção de conteúdo nas redações, nas assessorias de comunicação e na elaboração de materiais para as diferentes plataformas”.

Para Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil, o empoderamento das mulheres jornalistas no Brasil é fundamental para apoiar, inclusive, a rediscussão de estratégias pendentes desde o Plano de Ação de Pequim, da 4ª Conferência Mundial da Mulher, na área Mulher e Mídia. “A mobilização de mulheres e homens jornalistas durante os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres é crucial para o reconhecimento da categoria sobre a realidade das profissionais, o enfrentamento do sexismo e do racismo nas relações de trabalho, além da reflexão de jornalistas sobre o direito humano das mulheres à comunicação”, diz.

A partir do Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, 25 de novembro, Fenaj e ONU Mulheres sensibilizarão jornalistas, comunicadoras e comunicadores nas redes sociais. A ação digital busca o aperfeiçoamento da cobertura da temática violência contra as mulheres, reunindo dicas do guia Mídia e Conteúdos Colaborativos para um Planeta 50-50 em 2030, produzido para o [Curso de Comunicação, Saúde e Direitos das Mulheres](#). A publicação e o curso fazem parte do projeto proteção dos direitos das mulheres em tempos de zika, da ONU Mulheres e com financiamento da Fundação Ford. Durante os 16 Dias, a Comissão Nacional de Mulheres Jornalistas promoverá a postagem de vídeos de jornalistas em alerta à violência de gênero e raça na profissão.

Por uma mídia sem discriminação contra as mulheres - Desde março de 2016, a ONU Mulheres está promovendo o [Pacto Global de Mídia “Dê um passo pela igualdade de gênero”](#), voltado aos meios de comunicação. É parte das estratégias para acelerar os esforços mundiais de eliminação das desigualdades de gênero e estabelecer um Planeta 50-50, com direitos para todas as mulheres e meninas.

O Pacto Global de Mídia “Dê um passo pela igualdade de gênero” destaca duas frentes de ação para a mídia: quebrar estereótipos e preconceitos em suas divulgações de informações e aumentar o número de mulheres nos meios de comunicação, inclusive ocupando funções de liderança e de tomada de decisão. Trata-se de um acordo de produção colaborativa de conteúdos sobre direitos das mulheres, tendo a ONU Mulheres como uma aliada no fornecimento de informações acerca de gênero, raça e etnia.

No âmbito dessa iniciativa, a ONU Mulheres e entidades parceiras, entre elas a FENAJ, estão promovendo o Curso de Comunicação, Saúde e Direitos das Mulheres. A última turma realizará o curso, em Fortaleza, nos dias 11 e 12 de dezembro, no Sindicato dos Jornalistas. Saiba mais: comunicacaoedireitosdasmulheres.wordpress.com

[Acompanhe a programação do Senado nos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra a Mulher - DF, 20/11 a 10/12/2017](#)

Mau atendimento também é violência! Veja a programação das atividades promovidas pelo Senado Federal no âmbito dos 16 Dias de Ativismo, que no Brasil se inicia em 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra:



[Clique aqui para fazer o download do folheto em pdf](#)

[ONU Mulheres Brasil e SPM lançam novos dados de pesquisa sobre violência contra as mulheres - DF, 23/11/2017](#)

Pela primeira vez, estudo faz ligação da violência doméstica no Nordeste brasileiro, com foco entre gerações, vulnerabilidades raciais e socioeconômicas e incidência sobre os direitos reprodutivos. Pesquisa inédita é da Universidade Federal Ceará e do Instituto Maria da Penha, financiada pela Secretaria de Políticas para as Mulheres. Divulgação marca campanha dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres

[\(SPM/Segov - 20/11/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Estudo inédito sobre a violência contra as mulheres no Nordeste brasileiro estabelece os efeitos entre gerações, a vulnerabilidade racial e socioeconômica das vítimas e a ação no período reprodutivo. Os dados serão apresentados em 23 de novembro, às 14h, na Casa da ONU Brasil, em Brasília, como parte da campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência

contra as Mulheres, que, neste ano, segue o lema “Não deixar ninguém para trás: acabar com a violência contra mulheres e meninas”.

A “Pesquisa Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher” tem amostra de 10 mil mulheres, entre 15 e 50 anos, moradoras de capitais nordestinas: Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife, Salvador, São Luís e Teresina. O estudo é realizado pela Universidade Federal do Ceará, Institute for Advanced Study in Toulouse e o Instituto Maria da Penha, em cooperação com a Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, com apoio do Instituto Avon. A divulgação é feita em parceria com a ONU Mulheres Brasil.

A apresentação dos dados será conduzida pelo professor José Raimundo, coordenador da pesquisa pela Universidade Federal do Ceará. Estarão presentes no evento: Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil; Fátima Pelaes, Secretária Nacional de Políticas para as Mulheres da Presidência da República; Maria da Penha Maia Fernandes, fundadora do Instituto Maria da Penha; Daniela Grelin, gerente Sênior do Instituto Avon. Após a exposição da pesquisa, haverá coletiva de imprensa. Credenciamento em: bit.ly/coletiva-onumulheres

LANÇAMENTO DE NOVOS DADOS DE PESQUISA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E DA CAMPANHA 16 DIAS DE ATIVISMO PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Data: 23 de novembro de 2017

Horário: das 14h às 17h

Local: Casa da ONU (Complexo Sergio Vieira de Mello | Setor de Embaixadas Norte, Quadra 802 - Conjunto C, Lote 17) - Brasília/DF

Credenciamento de imprensa: bit.ly/coletiva-onumulheres

Assessoria de Comunicação da ONU Mulheres Brasil

Isabel Clavelin - 61 3038 9140 | 98175 6315

Isabel.clavelin@unwomen.org

Instituto Avon (SOKO): Fabiane Abel - fabiane@soko.cx

(11) 9 4283-5973

Secretaria de Políticas para as Mulheres

Niege Neves - (61) 3313 - 7398/ 98282 - 6391

spmimprensa@spm.gov.br

ONU lança nesta segunda campanha contra violência à mulher

“Dezesseis dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres”. Esse é o tema da campanha das Nações Unidas que será lançada nesta segunda-feira (20), no Brasil.

(Radioagência Nacional, 20/11/2017 - acesse no site de origem)

A proposta é chamar atenção para fatores que tentam naturalizar as agressões contra as mulheres. Para isso serão realizadas atividades em várias partes do país, como palestras à população, campanhas na mídia e treinamento de agentes de saúde.

Em outros países, a mobilização começa no dia 25. Aqui no Brasil, foi antecipada para 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, para alertar também para a situação de vulnerabilidade das mulheres negras.

Na quinta-feira (23), como parte da campanha, será apresentado um estudo inédito sobre a violência sofrida pelas moradoras da Região Nordeste do Brasil. Foram ouvidas 10 mil mulheres, entre 15 e 50 anos, moradoras das nove capitais nordestinas.

No último ano, uma em cada três brasileira sofreu algum tipo de violência, segundo pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do DataFolha.

Denúncias de agressões contra as mulheres podem ser feitas no Disque 180.

Katiana Rabêlo

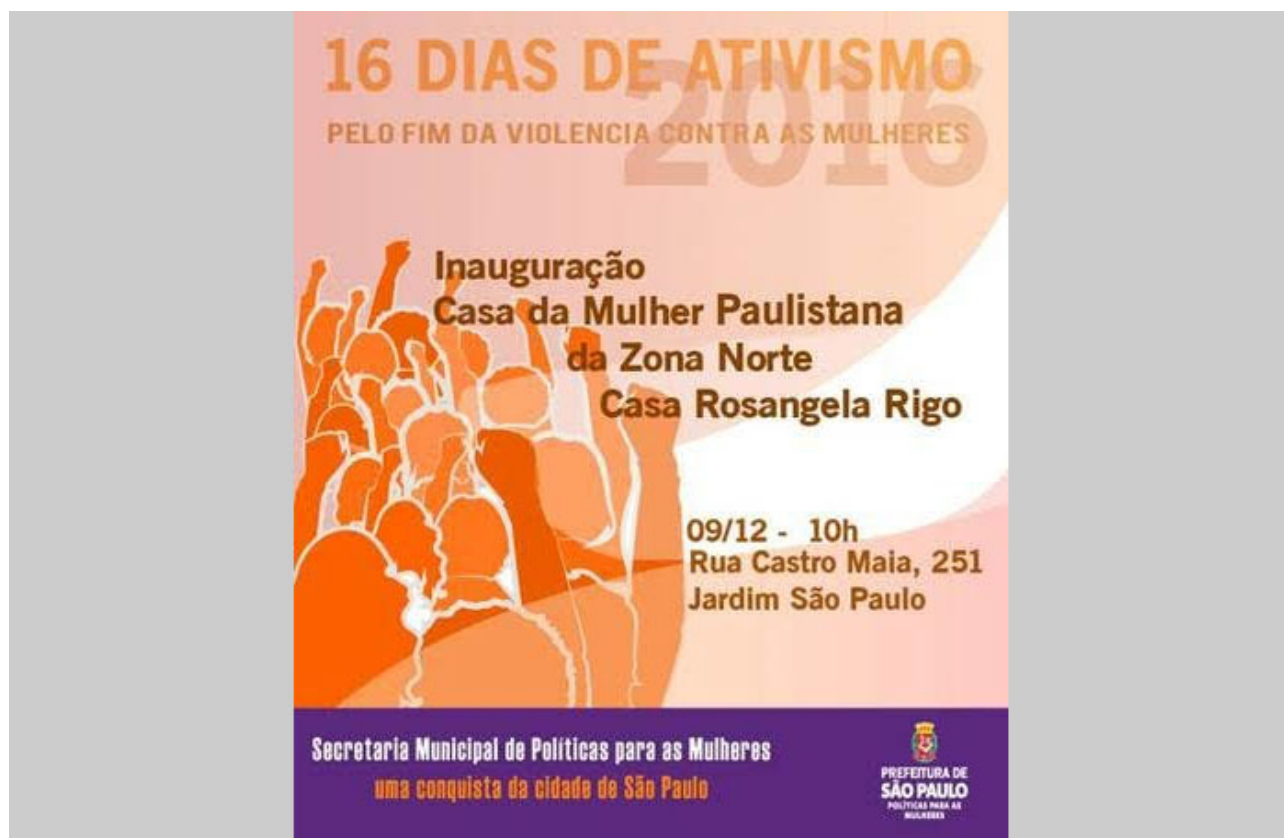
Inauguração da Casa da Mulher Paulistana da Zona Norte Casa Rosangela Rigo - São Paulo/SP, 9/12/2016

Em comemoração aos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher, a SMPM inaugura um serviço inédito na cidade de São Paulo para acolhimento de mulheres em situação de violência familiar e de gênero, com funcionamento 24 horas, sete dias por semana.

A Casa Rosangela Rigo - nome dado em homenagem a Rosangela Rigo (1964-2015), ativista feminista pelo combate à discriminação de gênero e pela construção de políticas públicas pelos direitos das mulheres - irá acolher mulheres em situação de violência doméstica e familiar de

gênero e suas/seus filhas/os com idade inferior a 18 anos e oferecerá alojamento temporário por até 15 dias, podendo ser prorrogado por mais 15.

Durante esse período, a mulher receberá atendimento psicológico e social e será encaminhada para orientação e atendimento jurídico. Na Casa, serão realizadas também atividades diárias a partir da perspectiva de gênero, como rodas de conversa, palestras e grupos reflexivos com as mulheres acolhidas. Para as crianças e adolescentes acolhidas/os com suas mães, haverá atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas diárias.



[Violência contra a mulher é um dos motivos de pedido de refúgio](#)

Um debate hoje (7) com a participação de refugiadas e organizações feministas proporcionou a troca de experiências sobre as questões femininas que envolvem as mulheres refugiadas e discutiu a violência contra a mulher nos países de origem e no Brasil para estimular a solidariedade feminina transnacional. O evento foi organizado pela Cáritas no Memorial Getulio Vargas, no Rio de Janeiro.

[\(Agência Brasil, 07/12/2016 - acesse no site de origem\)](#)

De acordo com a Cáritas, o número de mulheres que pedem refúgio no Brasil aumentou desde 2014, passando de 30,1% naquele ano para 40,4% em 2015 e para 42,3% do total das

solicitações feitas até novembro de 2016.

A responsável pelas relações institucionais do Programa de Atendimento a Refugiados da Cáritas do Rio de Janeiro, Nina Queiroga, diz que esse aumento pode estar relacionado às violações que elas sofrem em seus países. Ela cita a República Democrática do Congo, um dos países com maior número de pedidos de refúgio no Rio de Janeiro, que passa por uma guerra há 20 anos e que já deixou 6 milhões de mortos.

“Dentro dessa guerra, a gente percebe que as violações causadas contra a mulher têm muito pouca responsabilização e muito pouco combate. Então, há uma relação na medida em que existe uma presença maior de pedidos de refúgio de congoleses de maneira geral. Também tem a hipótese de que as mulheres estão entendendo melhor os seus direitos e buscando novas realidades de apoio e refúgio”.

Violência institucionalizada

Há dois anos no Brasil, Mireille Muluila diz que no Congo, seu país de origem, a violência contra a mulher é institucionalizada, tanto como uma arma da guerra, onde os estupros são feitos pelas milícias rebeldes, como dentro de casa, onde a cultura local coloca a mulher totalmente submissa ao marido.

“Várias mulheres e crianças sofrem estupros e violações por causa da guerra, é usado como uma forma de impor o terror, mas dentro de casa também acontece, pelos maridos. O estupro pode acontecer na rua, mas também com alguém que você conhece, como o marido que força a mulher a fazer sexo, mesmo se ela não quer, inclusive bate nela por causa disso”.

Mireille relatou que são comuns no Congo casamentos forçados, inclusive com meninas na pré-adolescência. Ela diz que, muitas vezes, a mulher é obrigada a fugir dos rebeldes com a roupa do corpo e sem conseguir encontrar com seus familiares para planejar a saída do país.

“O que está acontecendo no meu país está fazendo com que essas mulheres saiam de lá. Quando acontece uma violência contra a mulher ou outra pessoa da família, como a mãe ou a filha, ela tem que fugir com as pessoas que estão com ela, mas é difícil, porque a chegada dos rebeldes pode acontecer num momento em que a mulher não está em casa e ela tem que sair do jeito que está, sem poder voltar para casa. Isso faz com que várias mulheres estejam fugindo de seus países e pedindo refúgio, como aqui no Brasil”.

Solidariedade transnacional

Casos como o de Mireille levaram um grupo de mulheres a registrar essas histórias. Uma das responsáveis pelo projeto, Luciana Salvatore, diz que a aproximação começou com oficinas de cartas e evoluiu para o filme *Travessias*, que foi mostrado no debate.

“A ideia é que essas mulheres pudessem expressar, por meio da carta, seus sentimentos mais profundos, mais íntimos. O filme passou por essa necessidade nossa de conhecer essas mulheres e ir ao encontro com elas e entender esse universo mais íntimo que é nosso, que é delas, de todas as mulheres. É todo um trabalho de não violência e superação dentro do universo feminino. A violência é semelhante no sentimento. Uma mulher violentada terá o mesmo sentimento em qualquer parte do mundo”.

Integrante do coletivo Não me Kahlo, Bruna Rangel apresentou dados sobre a violência contra

a mulher no Brasil, para todas se unirem no combate às violações de direitos.

“Os dados da violência contra a mulher no Brasil obviamente também vão afetar a vida dessas mulheres que agora também fazem parte da nossa sociedade. Elas contribuem trazendo as experiências delas e dos países delas, mas principalmente da gente ter atenção com elas, o que a gente pode fazer por elas. É uma questão de união entre mulheres, a gente percebe que tem uma participação no Congresso muito pequena e tem uma dificuldade imensa de implementar políticas públicas, então, o apoio da sociedade civil é extremamente importante”.

O debate ocorreu dentro da campanha internacional 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher.

Akemi Nitahara; Edição: Fábio Massalli

Dia do Laço Branco: homens pelo fim da violência contra as mulheres

A data marca o massacre de Montreal onde 14 meninas foram assassinadas

(EBC Rádios, 07/12/2016 - acesse no site de origem)

No dia 6 de dezembro é celebrado o dia do Laço Branco, data que marca o dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres, data que integra o calendário da Campanha dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres.

Ouçã o áudio da matéria aqui: [Dia do Laço Branco: homens pelo fim da violência contra as mulheres](#)

A campanha começou após uma tragédia ocorrida em 1989, em Montreal, no Canadá. Marc Lepine invadiu uma escola politécnica canadense, ordenou que homens se retirassem, assassinou 14 mulheres e suicidou-se em seguida. A tragédia mobilizou canadenses a criar a primeira campanha do Laço Branco. Entre 25 de novembro e 6 de dezembro daquele ano, foram distribuídos cerca de 100 mil laços entre os homens canadenses. O dia 25 de novembro foi proclamado pela Organização das Nações Unidas, como o Dia Internacional de Erradicação da Violência contra a mulher.

Campanha mundial pede o fim da violência

contra as mulheres

Os 16 Dias de Ativismo deste ano têm o objetivo de alertar a sociedade sobre diversas formas de violência do cotidiano que podem desencadear para agressões mais severas contra mulheres

(Portal Brasil - 25/11/2016) A luta pelo fim da violência contra as mulheres deve ser diária e abordada em todos os setores da sociedade. Desde 2003, o Brasil participa da campanha mundial “16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra a Mulher”. Neste ano, o tema da campanha “Machismo. Já passou da hora” faz um alerta sobre pequenas atitudes do cotidiano que levam ao desrespeito à mulher. O governo federal pretende levantar o debate e a reflexão para diferentes formas de agressões e contextos que podem desencadear violências mais graves contra as mulheres.



A campanha deste ano pretende alertar a população para atitudes que levam ao desrespeito às mulheres

No Brasil, a Campanha dos 16 Dias se inicia em 25 de novembro e termina em 10 de Dezembro - Dia Internacional dos Direitos Humanos.

No 1º semestre de 2016, a Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180 realizou 555.634 atendimentos. Foram, em média, 92.605 atendimentos por mês. Entre os 2.921 relatos de violência sexual, 84,12% estão relacionados ao estupro. Durante a campanha, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), visando prevenir esses e outros tipos de violência, realizará palestras, debates e eventos com o objetivo de chamar a atenção da sociedade para o problema.

Programação

Durante a cerimônia, no dia 25, a ONU Mulheres fará o anúncio dos vencedores do Concurso de vídeos de 1 minuto “O Valente não é violento”, destinado a estudantes de ensino médio e profissionais de audiovisual. Também fará a exibição do documentário “Vamos falar com os Homens”, realizado em parceria com a ONG Papo de Homem.

Ao longo dos 16 dias serão trabalhadas peças nas redes sociais que irão explicar contextos de violência sexual, como o que chamamos de pornografia de vingança (distribuição de imagens íntimas na internet sem autorização, após o fim de um relacionamento), o não é não, o assédio sexual no ambiente de trabalho, a violência sexual conjugal, entre outros.

Além das peças publicitárias, os prédios públicos também serão iluminados com a cor laranja, que simboliza as mobilizações em mais de 160 países.

Ativismo - Cerca de 160 países participam desta campanha. No Brasil, ela acontece desde

2003, por meio de ações de mobilização e informações sobre o tema.

Os 16 Dias de Ativismo começaram em 1991, quando mulheres de diferentes países, reunidas pelo Centro de Liderança Global de Mulheres (CWGL), iniciaram uma campanha com o objetivo de promover o debate e denunciar as várias formas de violência contra as mulheres no mundo. A data é uma homenagem às irmãs Pátria, Minerva e Maria Teresa, conhecidas como Las Mariposas, assassinadas em 1961 por integrarem a oposição ao regime do ditador Rafael Trujillo, na República Dominicana.

O período da campanha lembrará ainda outras datas marcantes:

25 de novembro - Dia Internacional da Não Violência contra as Mulheres

1º de dezembro - Dia Mundial de Combate à Aids

6 de dezembro - Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres, também conhecido como o Dia do Laço Branco

10 de dezembro - Dia Internacional dos Direitos Humanos



Acesse no site de origem: [Campanha mundial pede o fim da violência contra as mulheres \(Portal Brasil - 25/11/2016\)](#)

ONU faz captação global de recursos para a eliminação da violência contra as mulheres no mundo

Plataforma online <https://donate.unwomen.org/16days/> foi criada pela ONU Mulheres para captar recursos a serem investidos em programas globais e fundo para o fim da violência contra as mulheres

(ONU Mulheres, 25/11/2016 - acesse no site de origem)

Em apoio à campanha global 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres, as Nações Unidas estão promovendo a iniciativa “Torne o Mundo Laranja: Aumente os Investimentos para Eliminar a Violência contra Mulheres e Meninas”, para mobilizar recursos para fundos internacionais. As doações poderão ser feitas por meio da plataforma online (<https://donate.unwomen.org/16days/>) e serão aplicadas em dois programas emblemáticos da ONU Mulheres - Prevenção e Acesso a Serviços Essenciais e Cidades Seguras e Espaços Públicos Seguros -, e no Fundo Fiduciário da ONU para Eliminar a Violência contra as Mulheres.

Esses programas e fundo se propõem a empregar os recursos em serviços especializados de atenção a mulheres em situação de violência e a promover iniciativas de segurança às sobreviventes da violência, para que consigam reconstruir suas vidas, além de romper o ciclo perverso da violência. “Especialistas são unânimes ao afirmar que o benefício do fim da violência contra as mulheres e meninas seria muito maior do que o investimento necessário. Sabemos que mesmo os investimentos de pequena-escala que são oportunos e corretamente orientados podem trazer enormes benefícios para as mulheres e meninas e para suas comunidades. O preço de não ter uma mudança é inaceitável”, afirma a diretora executiva da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka.

No Brasil, o período de mobilização da campanha 16 Dias se iniciou em 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, e se estenderá até 10 de dezembro, Dia Internacional de Direitos Humanos. Um dos pontos altos da mobilização é 25 de novembro, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. Desde 2008, a ONU apoia as ações por meio da campanha do Secretário-Geral da ONU “UNA-SE pelo fim da violência contra as mulheres”, para ampliar a consciência pública e criar oportunidades sobre os problemas e as soluções.

Recursos para ações concretas de eliminação da violência - Um dos maiores desafios para prevenir e eliminar a violência contra as mulheres e meninas em todo o mundo é a falta de fontes de financiamento para as ações e iniciativas de prevenção e eliminação da violência contra as mulheres e meninas.

No marco da Agenda de Desenvolvimento Sustentável 2030, as Nações Unidas estão buscando recursos para financiar as metas para a eliminação da violência de gênero, estabelecidas no Objetivo 5 sobre Igualdade de Gênero para fazer mudanças significativas na vida de mulheres e meninas em todo o mundo.

Torne o mundo laranja - Durante os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres, as Nações Unidas incentivam a todas as mulheres e todos os homens do mundo a se vestirem de laranja em adesão à eliminação da violência de gênero.

Em 2015, prédios emblemáticos e cartões-postais do mundo, em mais de 90 países, foram iluminados na cor laranja em manifestação ao apoio global para o direito de mulheres e meninas terem uma vida sem violência. Nas redes sociais, mais de 300 milhões de pessoas foram envolvidas na campanha.